

## CAPÍTULO 12



Fotos: Ana Cristina Carvalho



## Resumo

### A Beira de Vergílio Ferreira: Homenagem a Helder Godinho

Estas páginas procuram quer salientar a Geografia física presente em três romances de Vergílio Ferreira, quer apontar o Imaginário subjacente a esses espaços, esboçando a Imagem do Mundo em que algumas personagens se movem. Para este propósito usam-se os conceitos de Imaginário 3 e de mitoestilo registados por Helder Godinho em vários trabalhos dedicados ao romancista em análise.

Mas, acima de tudo, este breve ensaio visa celebrar o privilégio que foi poder usufruir de vários anos de seminários do grupo de Estudos Interdisciplinares sobre o Imaginário (EISI) que Helder Godinho promoveu e dirigiu e onde sempre procurou que os participantes se tornassem espíritos indagadores e desassossegados quanto a ideias feitas.

**Palavras-chave:** *Estrela Polar. Para Sempre. Cartas a Sandra.* Imaginário. Filosofia. Geografia.

## Abstract

### *Vergílio Ferreira's Beira: A tribute to Helder Godinho*

These pages seek either to highlight the physical geography present in three Vergílio Ferreira novels, or to point out the imagery underlying these spaces, outlining the Image of the World in which some characters move. For this purpose, the concepts of Imaginary 3 and “mitoestilo” (myth-style) recorded by Helder Godinho in several works dedicated to the novelist under analysis are used.

But, above all, this brief essay aims to celebrate the privilege of being able to enjoy several years of seminars by the group of Interdisciplinary Studies on the Imaginary (EISI) that Helder Godinho directed and where he always sought to make the participants become inquisitive and restless spirits about made ideas.

**Keywords:** *Estrela Polar. Para Sempre. Cartas a Sandra.* Imaginary. Philosophy. Geography.

# A BEIRA DE VERGÍLIO FERREIRA: HOMENAGEM A HELDER GODINHO

Margarida Santos ALPALHÃO

Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT), NOVA FCSH  
msalpalhao@gmail.com

## 1. “Ao princípio” ...

Tudo o que é grande tem o lado que se conhece e o  
lado misterioso que jamais poderemos conhecer  
para poder ser grande.

Ferreira, 1984, p. 119

O que é grande, incluindo o amor,  
acontece no eterno.

Godinho, 2017, p. 61

Pretende-se, nestas páginas, levar a cabo um exercício, em certa medida, paradoxal: falar de parte da Geografia física de um autor cuja obra é reconhecida e repetidamente situada no mapa do simbólico e do Imaginário. Como se tal desafio não fosse bastante, juntou-se ao presente texto intento celebrativo. Com efeito, um dos primeiros objetivos destas linhas é deixar rasto do imenso privilégio que foi ter convivido intelectualmente com Helder Godinho, o Mestre e o especialista da obra vergiliana, quase desde sempre (pelo menos, desde 1965<sup>1</sup>). E não o foi apenas da obra de Vergílio Ferreira.

Um outro intuito pode parecer ainda mais ambicioso porquanto pretende apresentar, ao leitor interessado, uma visão dirigida do espaço beirão

*BEIRA(S) – Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*, Lisboa, Edições Colibri, 2023, pp. 255-267.

presente na obra de Vergílio Ferreira. Eis algo que exige capacidades e meios que provavelmente não se podem cingir a algumas páginas de texto. Considero por isso esta reflexão como os primeiros passos no olhar de perto as Beiras na obra de Vergílio Ferreira.

Seguidamente, é necessário anotar uma impressão que desde logo se me impôs: a de que a expressão que intitula o volume (*As Beiras*) invoca uma tradição histórico-geográfica e cultural quase bicentenária, época durante a qual o mapa de Portugal apresentava duas Beiras: Alta e Baixa, a divisão que se seguiu às Lutas Liberais. Mapa esse que depois incluiu também uma terceira: a Beira Litoral (aquando da reforma administrativa de 1936). Esta tradição deu lugar à divisão territorial em distritos a partir de 1976. Foi, e é, no entanto, aquela menção provincial que serve ainda hoje, muitas vezes, aos portugueses, designadamente os menos jovens, para denominar a sua naturalidade: sou beirão, ou ribatejano, ou alentejano, ou açoriano, ou algarvio, etc.. Frequentemente é deste modo que alguns de nós ainda nos identificamos. Era esta Beira tripartida que vigorava oficialmente quando Vergílio Ferreira escreveu boa parte da sua obra. Empiricamente, diria que a distinção parece fazer-se mais entre litoral e interior que entre Beira Alta e Beira Baixa. Mas Beira e Beiras não desapareceram, como bem comprova este volume. De resto, apesar de muitos guias mais modernos e mais atuais, ainda se encontra o *Guia de Portugal* (1924-1969), editado pela Fundação Calouste Gulbenkian, que se estrutura de acordo com aquela tradição, dedicando o II tomo do 3.º volume às Beiras Alta e Baixa<sup>2</sup>. Não deixa de ser interessante verificar, além do mais, que alguns documentos oficiais ainda hoje assim designam o território, como acontece com a nomenclatura estatística: Unidade Territorial Para Fins Estatísticos – NUTs<sup>3</sup>.

Posto isto, e concretizando um pouco mais o propósito acima enunciado, tanto quanto creio saber, o intuito orientador da coleção de que este volume é parte, consiste em convocar o texto naquilo que ele tem de mais individual e paradigmático, não tanto do ponto de vista estritamente literário, mas mais do ponto de observação do reconhecível na tradição regional individualizadora. Procura-se, portanto, alguma identidade de origem atestada. Estas características não são sempre imediatamente identificáveis no texto literário, ou ainda não foram suficientemente abordadas em certos autores, mas temos já alguns exemplos que vão abrindo novos trilhos e permitindo uma ou outra abordagem nesta senda – a alimentação será porventura o exemplo mais imediatamente (re)conhecido<sup>4</sup>.

## 2. Desenhando o mapa. Uma identidade de origem atestada

Vergílio Ferreira era beirão: oriundo da Beira Alta, da aldeia de Melo, concelho de Gouveia, distrito da Guarda. A sua própria origem geográfica consubstancia um rasto em toda a sua obra e perdura vincadamente na sua ficção.

Ao procurar fazer uma análise do espaço em que se movem as personagens de Vergílio Ferreira, parece necessário considerarem-se dois níveis de análise: um mais ao nível da superfície; outro de natureza mais simbólica, indício do Imaginário pessoal do autor<sup>5</sup>. No nível mais superficial devemos considerar o espaço geográfico e observável a olho nu; o segundo nível encerra outra complexidade e exige algum conhecimento por parte do leitor.

Diria que a Geografia física permite aos vários narradores de Vergílio Ferreira aproveitarem as vivências do autor (o que, não raro, é confirmável através da *Conta-Corrente*, ou dos demais textos diarísticos, bem como do material de preparação dos romances – de acordo com o que Helder Godinho (2007), e os outros investigadores do espólio doado à Biblioteca Nacional têm revelado<sup>6</sup>. Há momentos em que a própria narrativa remete para espaços que facilmente se localizam no mapa de Portugal, ou no de uma determinada cidade, sobretudo se o leitor conhecer a biografia do autor – o que permite fazer a sobreposição da vida e da obra.

Em *Para Sempre*, quando Paulo refere o «Largo da Sé Nova» e a «Baixa» (Ferreira, 1984, p. 172), ou mesmo a «missa na Misericórdia» (p. 170), ou ainda o «jardim da Universidade» (p. 177), rapidamente o leitor transfere a imagem mental destes locais para o mapa da cidade de Coimbra, mais a mais sabendo que foi lá que o autor se licenciou. E em *Cartas a Sandra* acontece o mesmo quando Xana menciona o «pátio da Universidade» (Ferreira, 2010, p. 16), ou «a Igreja de Santa Cruz», ou ainda a «Quinta das Lágrimas» e a «Rua da Sofia» (p. 16). Já em *Estrela Polar* será o «Castelo» (Ferreira, 1992, pp. 34, 126, 152), a «estrada do Sanatório» (p. 125), a «rua da Torre» (pp. 89, 126), a rua do Comércio (pp. 162, 181), ou a «Praça» que surgem amiúde no texto (pp. 34, 89, 129), e que nos permitem deambular através de uma Penalva ficcional que coincide com a Guarda vivencial – Vergílio Ferreira concluiu ali os estudos liceais.

Nos três romances mencionados, encontramos os polos distintos de espaços, considerados paradigmáticos na obra de Vergílio Ferreira, que ligamos sem dificuldade à biografia do autor: a cidade e a aldeia. Estes são, de resto, os espaços de Vergílio Ferreira por excelência. Vários foram os estudiosos que o mencionaram desde António Rodrigues Paiva

(1984) a Gavilanes Laso (1989), de António da Silva Gordo (1995) a Filho e Barbosa (2016) e Helder Godinho, o grande especialista da obra vergiliana.

Enquanto a imagem ficcional da cidade resulta, por vezes, da síntese das várias cidades vivenciadas por Vergílio Ferreira – note-se que a “rua Direita” e a “rua do Inverno” (Ferreira, 1992, p. 129), enumeradas em Penalva (Guarda), remetem facilmente para os mapas de Gouveia e Évora, a aldeia é sempre a “sua” aldeia – e a sua própria origem. E servindo-se amiúde de espaços conhecidos para a construção da sua narrativa<sup>7</sup>, Vergílio Ferreira serve-se da sua aldeia como matriz. Di-lo o próprio na sua *Conta-Corrente* 1 (1980: p. 69), em 16 de julho de 1970:

Expliquei que a «realidade» me dá pontos de apoio, pilares para a construção. Assim me não «perco» tão facilmente. As personagens têm, quando é possível, um ponto de partida nas figuras reais, são um arranjo das mesmas. Sendo «intelectuais», procuro sobretudo um apoio para o «físico», o seu «invólucro»; depois de esvaziados do que são elas, «preencho-as» com as minhas ideias e obsessões, quero dizer, construo-as por mim. E os ambientes são sobretudo aqueles que *fixei* emotivamente. Daí que particularmente me afectem os da aldeia. É-me assim impossível focar os de Lisboa, que emotivamente ainda me não diz nada. A distância, a perspectivação. À distância, o *essencial* vem ao de cima. O que está diante dos olhos não se vê. Os ambientes até hoje *fixados* para a emoção foram a aldeia, o Alentejo, o Seminário, um pouco de Coimbra, um pouco da beira-mar. Quase nada de Lisboa e radicalmente nada do estrangeiro.

Assim, não nos restam dúvidas de que Vergílio Ferreira mantém um vínculo emocional duradouro com o seu lugar natal. É também este o ponto de vista e o conceito de lugar, segundo Yi-Fu Tuan, que Ana Cristina Carvalho (2020: p. 11) enuncia no primeiro volume da coleção em que este volume se integra. A aldeia e a montanha são «lugares de origem [...] a que a arquiperсонаgem tem de voltar no fim da vida» (Godinho, 1985: p. 67). Já a cidade é «prisão e labirinto (Penalva)» e é «nocturna» (Ferreira, 1992: p. 133). Aliás, Penalva, em *Estrela Polar*, surge no texto adjetivada por «morta» (p. 24), «abandonada» (p. 37), «triste» (p. 67) e «pequena» (p. 115). Em *Para Sempre*, Penalva é sinónimo de juventude e recordação (Ferreira, 1984: p. 170) e a cidade, espaço da narrativa por excelência, é «Soeira, Cidade da Luz, ó cidade da ilusão, legenda da juventude, terra natal do excesso de mim.» (p. 119). Percebemos, no entanto, que esta Soeira se apresenta no mapa como Coimbra, cidade onde a Biografia do autor o faz conhecer Maria

Madalena Santos, ou Sandra (nome ficcional e personagem de *Para Sempre* e também de *Cartas a Sandra*). Mas nem uma, nem outra das duas cidades constitui o espaço de maturação da personagem masculina, Adalberto ou Paulo. A cidade é o lugar «onde o céu não existe» (Ferreira, 2010: p. 30).

Em *Estrela Polar* e *Para Sempre*, porém, a beira-mar é espaço de outra natureza. E no segundo destes dois romances encontramos «Oliveira, que é uma cidade próxima, à beira-mar» (Ferreira, 1984: p. 208) (Beira Litoral?). A praia é espaço de «alegria» e o mar é o espaço, e o elemento, em que Paulo e Sandra nascem «das águas como num mito da criação» (p. 214). No conjunto das emoções vivenciadas, a beira-mar revela-se um lugar de felicidade.

A aldeia em Vergílio Ferreira é mais aguarelada que pintada, ou fotografada. Conseguimos, no entanto, identificar a casa típica beirã de «lojas, dois pisos» (Ferreira, 1984: p. 15). «Ao longe, desdobrada a todo o horizonte, densa, a montanha» e «o infinito da montanha, são três fiadas de montes, a última dissipa-se em ténue neblina, quase da matéria do céu» (pp. 35 e 179). E a casa é descrita segundo o «amontoado confuso da memória» (p. 80). Da janela, qual moldura de quadro, pode observar-se a aldeia (pp. 81 e 176):

As oliveiras descem o declive, vinhedos, pomares, a ribeira ao fundo. [...] o muro de um quintal, é feito de pedras negras dos séculos, plantas silvestres irrompem nos interstícios, do outro lado os milhos ainda verdes, uma terra de oliveiras escuras [...] e couves, a terra já arenosa, devem ter tirado já as batatas novas, [...] as encostas dos montes, matas escuras, em baixo ainda alguns castanheiros, terras secas de restolho, há um caminho que irrompe cá de baixo, serpenteia pelo monte acima até ao impossível, uma casa em equilíbrio num pico isolado [...].

Esta poderia ser uma aldeia imaginada, ou uma qualquer aldeia das Beiras. A visita prossegue ao sabor das memórias, convocadas por cada objeto, cada divisão da casa. Como o «chapéu de palha de Sandra» (Ferreira, 1984: p. 22). É uma aldeia nascida da individualidade, da intimidade e das emoções do narrador-autor, que poderia ser apenas fruto da imaginação. A aldeia beirã de Vergílio Ferreira surge difusa, qual casais semeados pela serra, observados de longe. O relevo montanhoso e as espécies cultivadas não são muito diversos entre aglomerados vizinhos, nem o modo de vida aldeão do Portugal de inícios e meados do século XX se compaginava com a mesma diversidade que hoje já aí se encontra. As Beiras de Vergílio Ferreira situam-se geograficamente, pelo menos, entre Coimbra e Guarda.

O seu espaço fundacional e de memória é a sua aldeia natal com a sua serra de sempre. E a vida das gentes era dura e despojada: «a eletricidade veio andava eu já no liceu» (Ferreira, 1984: p. 180). Mas foi desse leque de emoções infantis e juvenis e dessa geografia natal que vieram a nascer os lugares desenhados pela escrita vergiliana.

### 3. A Imagem do Mundo. A tessitura do sentido ...

Em *O Universo Imaginário de Vergílio Ferreira* (1985), Helder Godinho associa tanto a cidade como a aldeia, e com esta a montanha, ao Imaginário pessoal do escritor, ou ao seu mitoestilo. Ali identifica a constelação imagética do escritor, construindo um mundo de significâncias segundo a sua Ordem. Este modo de leitura da obra de Vergílio Ferreira será facilitado pelo convívio de ambos e pela revisitação e trabalho editorial dos seus (manu)escritos. O profundo conhecimento do homem e da obra, aliado à permanente questionação do sentido, permite a Helder Godinho identificar a leitura que, operativa e consistentemente, irá revelar, não apenas esse “universo imaginário” vergiliano, mas, partindo dele, a pertinência e a consistência do Imaginário.

A dualidade espacial acima mencionada é abordada através dos regimes diurno e noturno durandianos (Durand, 1989). Nas palavras de Helder Godinho (2003: p. 143): “o primeiro regime faz triunfar as distâncias, as cesuras, as tensões (objetos cortantes, volumes em confrontação), o segundo valoriza sobretudo as formas do redondo, do oco, etc.”. Lamentavelmente, a partida prematura de Helder Godinho não permitiu que continuasse a consistir e a aclarar os Sistemas do Imaginário, uma revisão de conceitos e de metodologia que apoiava na análise da obra de Vergílio Ferreira, que estudou detalhada e criticamente.

Ainda assim, em “Sobre a Ausência”, Helder Godinho elaborou um balanço desta revisitação que lhe permitiu concluir que «Vergílio Ferreira é um dos autores em que o jogo presença/ausência é mais visível, constante e importante” (Godinho, 2016: p. 22). O espaço, como o tempo, é um elemento constitutivo da narrativa – a organização do espaço, e a sua conquista, é função do Herói (Godinho, 1985: p. 283). Nesta mesma linha de pensamento, Helder Godinho (2013a: p. 59) também regista, em “Les pouvoir du récit”, que “raconter est ainsi, avant tout, donner une forme qui introduit une signification dans un monde qui est là”.

A construção desse sentido, a organização desse espaço, corresponde a uma Imagem do Mundo. O texto vergiliano, em certos momentos, assume-se como espaço fundacional e, com isso, revela-se também uma narrativa



sugestivamente fotográfica e cinematográfica, permitindo e fomentando aproximações e ligações a essas artes, e a outras manifestações artísticas. A obra cinematográfica de Lauro António, designadamente “Prefácio a Vergílio Ferreira” (1975), de cariz biográfico e testemunhal, é exemplo disso mesmo. Encontramos também aí uma Imagem do Mundo vivencial de Vergílio Ferreira. E a serra, bem como a aldeia.

Nos romances de que nos vimos ocupando, Adalberto e Paulo mostram-se imobilizados e, desse modo, impossibilitados de assumir a função e o estatuto do Herói. Adalberto não sabe identificar o objeto do seu amor e hesita, confundindo as gémeas Aida e Alda. Esta relação, em que Aida emerge como mediadora, foi estudada por Helder Godinho (2003: p. 144). Mas centremo-nos, nestas linhas, num outro par, que acreditamos estar mais próximo da própria vida e das vivências do escritor.

O par ficcional Paulo – Sandra parece fazer eco de uma separação espacial ontológica e fundacional: “Sandra era da cidade, gostava da capital, detestava a vida da aldeia. Lá ficou” (Ferreira, 1984: p. 9). Paulo encontra-se na aldeia, para “preparar o futuro” (p. 10). Assim começa *Para Sempre*. E este afastamento, tornado produtivo, permitirá, na triangulação que o “entre” configura, estabelecer uma ponte, encontrar um caminho e resolver, pela palavra escrita (também com *Cartas a Sandra*), a separação entre ambos, instituindo espaço para a alteridade e permitindo uma comunicação.

Este “entre” é um “instrumento estratégico” (Fintz, 2016: p. 122) definido pelo filósofo François Jullien (2012), que Mestre Helder Godinho havia referido num dos seus últimos seminários do grupo de Estudos Interdisciplinares sobre o Imaginário (EISI), o qual gostava de considerar a “Escola de Lisboa”.

Em *Para Sempre* a “cultura”, ou o *modus vivendi*, da cidade e da aldeia afastam-se, permitindo a tensão “qui fait travailler” (Jullien, 2016: p. 122). O romance é a escrita do afastamento tensional dinâmico dessas duas culturas. O leitor compreende, desde o início, que o par terá de permeio essa diferença cultural que coloca Paulo e Sandra em espaços diversos e cada um no seu espaço natural. Não tendo conquistado a cidade, Paulo não conquista a mulher. Porque a mulher e o espaço são isomorfos em várias narrativas, conforme demonstrou Helder Godinho, não apenas em Vergílio Ferreira, mas também na Literatura Medieval (Godinho, 1994). Além do mais, a morte de Sandra vai colocá-la, uma vez mais, num espaço diverso daquele que é ocupado por Paulo, que se mantém na aldeia. E Paulo registará: “em tanto lugar eu poderia lembrar-te. Mas volto sempre ao começo da irradiação de ti” (Ferreira, 2010: p. 29). O espaço (e o percurso) do

homem contrapõe-se, nestes três romances, ao espaço da mulher. Quase poderíamos dizer também que a Imagem do Mundo masculino e feminino não é a mesma nestas obras de Vergílio Ferreira, e por isso mesmo estas não são Imagens do Mundo coincidentes.

Vergílio Ferreira leva as suas personagens masculinas à sua terra de origem, porque é pelo isomorfismo da terra e da mulher que o encontro será possível. No caso do par Paulo – Sandra esse encontro dar-se-á na escrita. As cartas publicadas pela filha, Xana, afirmam-no em vários momentos. E em *Para Sempre* essa vertente demiúrgica do escritor também é assumida (Ferreira, 1984: p. 214): “Uma palavra. A primeira que em toda a minha vida me esgotou o ser. A que foi tão completa e absorvente, que tudo o mais foi um excesso na criação. Deus esgotou em mim, na minha boca, todo o prodígio do seu poder. Ao princípio era a palavra. Eu a soube. E nada mais houve depois dela.”

#### **4. Considerações finais: “Em nome da ...” ... “Escola de Lisboa”!**

Fazer um levantamento exaustivo dos lugares reais coincidentes com a geografia vergiliana permitiria afinar os caminhos de leitura que procuramos aqui sumariamente explicitar. Não é sempre fácil encontrar na obra de Vergílio Ferreira detalhes amplamente individualizadores da origem beirão do autor, pelo que se registam alguns indícios de um rasto a seguir.

Há já mais de uma década, Carlos Cunha trazia para o debate interdisciplinar o conceito de “imaginário geográfico”, cuja origem fez remontar à década de 1990. Este investigador registou, citando Doreen Massey: “a lot of our “geography” is in the mind” (Cunha, 2011: 12 nota 4). Este é um conceito que concorre para o nosso propósito nestas linhas. Também porque é na nossa mente que a memória e a imagem se encontram e constroem sentidos.

E a imagem é mutável, operativa e transformadora, como demonstra Jean-Jacques Wunenburger na obra *La vie des Images* (2002). Mas percebemos hoje melhor como as imagens, linguísticas ou icónicas, nos habitam devido, nomeadamente, ao desenvolvimento e divulgação dos estudos de António Damásio (2010 e 2013) e Jean-Michel Oughourlian (2013)<sup>8</sup> sobre a mente humana.

É que, para além do espaço real da geografia, no ser humano instala-se e cresce um espaço, mais ou menos real e mais ou menos imaginado (até à utopia, ou mesmo à distopia), indissociável das emoções e, através delas, marcado individualmente. Assim se apresenta o espaço em Vergílio Ferreira.

E este espaço, marcado individualmente, concorre para o “universo imaginário” do autor, visto que o Imaginário «é um reservatório de imagens (como costuma ser referido, estável e conservador, ao contrário da Imaginação que está sempre disponível para novos arranjos e avanços do saber) e pôde aparecer e perdurar como mediação fundamental para as construções do real e do próprio sujeito» (Godinho, 2013b: p. 13).

Helder Godinho legou-nos um trabalho notável em método e abrangência e foi, também, sempre consistente e persistente no diálogo com a obra de Vergílio Ferreira. Conheceu-a como poucos terão possibilidade de o fazer. Por isto mesmo, consideramos incontornável a leitura da obra do romancista à luz do Imaginário 3 identificado por Helder Godinho (2016: p. 23), bem como daquilo que considerava o mitoestilo do autor (Godinho, 1982). Na partilha intelectual de que usufruímos nos seus seminários, o tempo foi-nos permitindo interiorizar que as imagens de uma narrativa são portadoras de um sentido, que é fundamental decifrar quando se pretende compreender a obra de um autor. E, através do Imaginário, tal como é possível decifrar o(s) sentido(s) da ficção, também é possível construir o sentido da vida<sup>9</sup>.

Até sempre, Professor!

## Referências bibliográficas

- ARAÚJO, A. (2017). Cem anos de Vergílio Ferreira: Uma “Aparição” que levou à “Alegria breve”. [em linha] Consultado em 20/06/2021. Disponível em <https://www.tsf.pt/cultura/cem-anos-de-vergilio-ferreira-uma-aparicao-que-levou-a-alegria-breve-5623546.html>
- ANTÓNIO, Lauro (1975). *Prefácio a Vergílio Ferreira*. Documentário. 14 min. Prod. de Lauro António e Manuel Guimarães.
- CARVALHO, Ana Cristina e ZANCHI, Lau (coord.) (2020). *Amazónia – Reflexos do Lugar nas Literaturas Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Edições Colibri.
- CUNHA, Carlos (2011). *A(s) geografia(s) da literatura: do nacional ao global*. Guimarães: Opera Omnia.
- DAMÁSIO, António (2010). *O Livro da Consciência. A Construção do Cérebro Consciente*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- DAMÁSIO, António (2013). *O sentimento de Si. Corpo, Emoção e Consciência*. Lisboa: Temas e Debates.
- DURAND, Gilbert (1989). *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Trad. Helder Godinho. Lisboa: Editorial Presença.
- FERREIRA, Vergílio (1984). *Para Sempre*. Lisboa: Bertrand [1.ª ed. 1983].
- FERREIRA, Vergílio (1992). *Estrela Polar*. Lisboa: Bertrand [1.ª ed. 1961].

- FERREIRA, Vergílio (2010). *Cartas a Sandra*. Lisboa: Quetzal [1.ª ed. 1996].
- FERREIRA, Vergílio (1980). *Conta Corrente 1*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- FILHO, Ozíris e BARBOSA, Sidnei (orgs.) (2016). *O Espaço Literário na obra de Vergílio Ferreira*. São Paulo: Todas as Musas.
- FINTZ, C. (2016). De l'entre et de l'imaginaire. *Iris*, n.º 37: pp. 121-133. Consultado a (20/06/2021), em <https://publications-prairial.fr/iris/index.php?id=74>
- GAVILANES LASO, José Luís (1989). *Vergílio Ferreira. Espaço Simbólico e Metafísico*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- GODINHO, Helder (1982). *O Mito e o Estilo. Introdução a uma Mitoestilística*. Lisboa: Editorial Presença.
- GODINHO, Helder (1984). Os parentescos simbólicos em Vergílio Ferreira. In M.ª Alzira Seixo et al. (org.), *Afecto às Letras. Homenagem da Literatura Portuguesa contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*. (pp. 230-236). Lisboa: INCM.
- GODINHO, Helder (1985). *O Universo Imaginário de Vergílio Ferreira*. Lisboa: INIC.
- GODINHO, Helder (1994). O poder e o amor na lenda do rei Rodrigo. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Vol. 1, 7: pp. 303-310. Consultado a (20/06/2021), em <https://run.unl.pt/handle/10362/6775>
- GODINHO, Helder (2003) «Imaginário e Literatura», in Alberto ARAÚJO e Fernando P. BAPTISTA (org.), *Variações sobre o imaginário* (p. 141-151). Lisboa: Instituto Piaget.
- GODINHO, Helder e TURÍBIO, Ana Isabel (2007). O Espólio de Vergílio Ferreira. *Veredas*, n.º 8: pp. 319-330. Consultado a (20/06/2021), em [https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34552/1/Veredas8\\_artigo17.pdf](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34552/1/Veredas8_artigo17.pdf)
- GODINHO, Helder (2013b) «A Ficção, o Imaginário e a Realidade – algumas considerações». In H. Godinho (dir) e M. Alpalhão, C. Carreto, I. B. Dias (org.), *Da letra ao Imaginário. Homenagem à Professora Irene Freire Nunes* (p. 13-20), Lisboa: CEIL – FCSH.
- GODINHO, Helder (2013a). Les pouvoirs du récit. *Iris*, n.º 34: pp. 55-67. Consultado a (20/06/2021), em <https://publications-prairial.fr/iris/index.php?id=1893&file=1>
- GODINHO, Helder (2016). Sobre a Ausência. *Cadernos do CEIL*, n.º 3: pp. 21-28. Consultado a (20/06/2021), em <https://run.unl.pt/handle/10362/22056>
- GODINHO, Helder (2017). *O Essencial sobre Vergílio Ferreira*. Lisboa: Imprensa nacional.
- GONÇALVES, Óscar F. (2002). *Viver narrativamente: a psicoterapia como adjectivação da experiência*. Coimbra: Quarteto Editora.
- GORDO, António da Silva.(1995). *A escrita e o espaço no romance de Vergílio Ferreira*. Porto: Porto Editora.
- JULLIEN, François (2012). *L'écart et l'entre. Leçon inaugurale de la Chaire sur l'altérité*. Paris: Galilée.
- OUGHOURLIAN, Jean-Michel (2013). *Notre Troisième Cerveau*. Paris: Albin Michel.
- PAIVA, José (1984). O espaço-limite na ficção de Vergílio Ferreira. Recife: Edições Encontro, Gabinete Português de Leitura.

- TURÍBIO, Ana Isabel (2016). A preparação do texto em Vergílio Ferreira. *As mãos da escrita: 25 anos do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea*. Pp. 193-197. Lisboa: BNP. Consultado a (20/06/2021), em <https://purl.pt/13858/1/ge-neses/1/1-texto-vergilio-ferreira.html>
- WUNENBURGER, Jean-Jacques (2002). *La vie des Images*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

## Notas

- <sup>1</sup> Desde 1965 é o registo feito por Amadeu Araújo no encerramento das celebrações do Centenário do Nascimento de Vergílio Ferreira (em janeiro de 2017). TSF Cultura. Consultado em 20/06/2021. Disponível em <https://www.tsf.pt/cultura/cem-anos-de-vergilio-ferreira-uma-aparicao-que-levou-a-alegria-breve-5623546.html>
- <sup>2</sup> *Guia de Portugal – BEIRA. II – Beira Alta e Beira Baixa*. 3.º volume, tomo II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. O tomo I do 3.º volume é dedicado à Beira Litoral. Ambos fazem parte dos cinco volumes e oito tomos que compõem a obra.
- <sup>3</sup> Segundo a PORDATA, NUTs corresponde à «“Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos”, sistema hierárquico de divisão do território em regiões. Esta nomenclatura foi criada pelo Eurostat no início dos anos 1970». Ali considera-se a Beira Baixa, por um lado, e as Beiras e Serra da Estrela, por outro. Loura, L. (Dir.). *Pordata* [em linha]. Consultado em 27/06/2021. Disponível em: <https://www.pordata.pt/O+que+sao+NUTS>
- <sup>4</sup> A título de exemplo: Pinheiro, J. e Soares, C. (2016) *Patrimónios Alimentares de Aquém e Além-mar*, Imprensa da Universidade de Coimbra /Annablume; Macedo, I. C. e Soares, C. (2014) *Ensaio sobre património alimentar Luso-brasileiro*, Imprensa da Universidade de Coimbra /Annablume.
- <sup>5</sup> Socorro-me, aqui, do conceito dos três Imaginários que Helder Godinho definiu mais recentemente em «Sobre a Ausência» (2016), a montante da sua obra seminal sobre o assunto: *O Mito e o Estilo. Introdução a uma Mitoestilística* (1982).
- <sup>6</sup> Veja-se Godinho e Turíbio (2007): «O espólio de Vergílio Ferreira». Ana Isabel Turíbio, membro da equipa dirigida por Helder Godinho, trabalhou o espólio do romancista na BNP e tem apresentado alguns dados sobre este aspeto particular, designadamente em artigo dedicado (ver a bibliografia), além dos trabalhos académicos, e em entrevista à imprensa: «Como Vergílio Ferreira preparou o futuro», *Público* (7/07/2010).
- <sup>7</sup> Veja-se a nota anterior.
- <sup>8</sup> Nas obras de Damásio *O Livro da Consciência* e *O sentimento de Si*, o autor demonstra que há, não apenas uma fisiologia da consciência, mas também uma biologia dos sentimentos e que a experiência da consciência é fundamental para regular a vida. Já Jean-Michel Oughourlian defende que é o nosso “terceiro” cérebro, o mimético, que é frequentemente o motor dos nossos atos e que estes são decorrentes das nossas emoções.
- <sup>9</sup> Veja-se a obra, citada na bibliografia, de Óscar Gonçalves, na qual o autor refere como o uso da narrativa pode ser determinante na construção de um sentido para a vida de jovens.

